

VALENCIA, Adrián Soteia; MARTINS, Carlos Eduardo (org.) (2009). *A América Latina e os desafios da globalização: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-RJ/Boitempo editorial.

Vamberto Spinelli Júnior

Os textos que constituem a obra *A América Latina e os desafios da globalização: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini* buscam no seu conjunto, e de maneira mais geral, contornar uma situação certamente paradoxal no campo das ciências sociais brasileiras: o fato de um pensador da envergadura de Ruy Mauro Marini ser "pouco conhecido do leitor brasileiro" e, ao mesmo tempo, como registram Carlos Eduardo Martins e Adrián Soteia Valencia na apresentação da obra, possuir "extraordinária importância no desenvolvimento das ciências sociais latino-americanas" (p. 11).

O livro faz parte das homenagens dedicadas a Ruy Mauro Marini por ocasião dos 10 anos de sua morte na cidade do Rio de Janeiro, em 1997. Reunindo alguns dos mais importantes pensadores contemporâneos - a maioria deles latino-americana - em torno de uma discussão sobre temas e conceitos desenvolvidos por Marini em sua profícua obra, o livro ora resenhado, ao mesmo tempo em que traz à tona contribuições do autor em foco, busca demarcar a atualidade dessas contribuições, sua relevância para pensar o mundo contemporâneo e, mais especificamente, o lugar da América Latina e do Caribe no contexto de globalização capitalista.

Marini foi um dos fundadores e principais expoentes da chamada Teoria da Dependência. Juntamente com Theotônio dos Santos, André Gunder Frank, Vânia Bambirra e Agustín Cueva, ajudou a conferir consistência teórica e metodológica à vertente marxista da dependência, que alcançou na

década de 1960-1970, de acordo com Martins e Valencia, o posto de "de um novo paradigma de interpretação das formações sociais latino-americanas e do capitalismo mundial" (p. 11).

Surgida num contexto político-ideológico marcado pela derrota de teses elaboradas no campo da esquerda teórica e política na década de 1960 (teses que vinham principalmente do marxismo esquemático, cristalizado em interpretações mecanicistas e evolucionistas), a escola da dependência vai assentando suas bases, não obstante a diversidade de enfoques teóricos e metodológicos que a atravessam internamente, a partir de uma abordagem crítica à teoria do subdesenvolvimento formulada por intelectuais ligados à CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe).

Esses intelectuais vinham defendendo que o desenvolvimento econômico desigual entre centro e periferia resultaria de uma desigual relação comercial entre países tecnologicamente mais avançados e mais atrasados. A explicação das desigualdades sociais e da pobreza que acomete as populações latino-americanas resultaria da deteriorização dos termos de troca nas relações internacionais, dada a transferência de valor que é realizada nessas trocas. Os cepalinos propuseram - no sentido de reverter essa condição - o estímulo à industrialização, mediante a substituição de importações, combinada com a ampliação do mercado interno, nacional. Nessa perspectiva, o Estado assume o papel de promotor do desenvolvimento, mediante políticas de industrialização e distribuição.

A vertente marxista parte da crítica da concepção cepalina à possibilidade de um desenvolvimento menos desigual no interior dos países latino-americanos, para elaborar uma explicação do caráter estrutural e permanente do desenvolvimento capitalista desigual, como aspecto necessário à própria manutenção do empreendimento capitalista, isto é, apropriação privada da riqueza e da renda.

A contribuição de Marini nesse contexto é original e equaciona dificuldades que vinham sendo experimentadas dentro da própria perspectiva da dependência em sua versão marxista. Sua obra mais relevante foi *Dialética da Dependência*, de 1973, que para Jaime Osório consiste no "ponto mais alto na explicação das particularidades da reprodução do capitalismo dependente" (p. 167). Nessa obra Marini fornece, de acordo com Sader, uma consistente argumentação teórico-metodológica para a compreensão da

constituição de nossas formações sociais de forma indissolivelmente intrincada com o sistema capitalista internacional, no interior da qual nascem, como um de seus elementos constitutivos e, ao mesmo tempo, condicionados por esse tipo de inserção subordinada (p. 31).

O livro-homenagem está dividido em 4 partes. A primeira, intitulada "O homem e a obra: política e revolução", reúne textos de Theotônio dos Santos, Emir Sader e Ana Esther Cecenã que destacam em seu conjunto o caráter ao mesmo tempo teórico-acadêmico e político-revolucionário que Marini imprimiu a sua vida. Além disso, apontam contribuições teórico-conceituais fundamentais de sua obra, bem como aspectos da atualidade do seu pensamento. Marini foi construindo o que há de mais fundamental em sua obra, no contexto de engajamentos políticos em organizações revolucionárias no Brasil e no Chile. Nesse sentido, Emir Sader destaca que Marini encarna o melhor exemplo de intelectual revolucionário latino-americano "porque pensou a realidade de forma rigorosa e do ponto de vista de sua transformação revolucionária", mas não apenas por isso, também porque "foi sempre um militante, um dirigente revolucionário, vinculado a organizações revolucionárias da América Latina". Para Marini, militância política "esteve sempre associada à elaboração teórica, crítica e alternativa" (pp. 27-28).

Ainda na primeira parte do livro, um aspecto biográfico da grande importância na vida de Marini ganha relevo: o cerco ao qual foi submetida a sua obra, o que explica, em grande medida, o desconhecimento do pensamento de Marini por parte de cientistas sociais brasileiros. Em relação a esse aspecto, deixamos aqui em registro trecho do comovente texto-depoimento (intitulado "Meu querido Ruy") de Ana Esther Cecefia:

Paradoxalmente, com uma presença internacional indubitável, Marini retoma a um Brasil [depois do exílio no México] que não se lembra dele, que dificilmente o reconhece e onde as suas obras não eram quase conhecidas. (...) Ninguém se interessava pelos teóricos da dependência, que eram vistos como emissários de uma realidade que era preferível ignorar. Os anos de

1980 foram os da atonia, mas também do reencontro. No entanto, os exilados não pareciam ser esperados por quase ninguém, e na volta não foi possível encontrar o que se tinha deixado ao partir (p. 46).

A segunda parte do livro - "Globalização e dependência" - reúne textos de Immanuel Wallerstein, André Gunder Frank, Adrián Sotelo Valencia e Orlando Caputo Leiva. Os autores propõem análises das grandes tendências contemporâneas da economia mundial com enfoques que expõem divergência em pontos importantes, estimulando o debate em torno das configurações assumidas pela reprodução do capitalismo dependente.

Destaco uma relevante contribuição que Sotelo Valencia traz ao debate. Este autor enfoca as novas configurações histórico-estruturais da dependência e do subdesenvolvimento no contexto do sistema capitalista globalizado, tematizando aspectos dos mais importantes: a emergência de novas periferias na economia mundial depois da queda da URSS e do bloco socialista na década de 1980, e o impacto que esta nova divisão internacional do trabalho e do capital acarreta para as economias dependentes da América Latina. Levanta a seguinte hipótese: a superexploração do trabalho não se limita às "economias subdesenvolvidas e dependentes da periferia do capitalismo [que foi o enfoque principal de Marini ao formular o conceito], começa a se estender significativamente aos países desenvolvidos, embora com formas particulares" (p. 112).

A terceira parte - "Capital, trabalho e economia mundial" - reúne textos de Jaime Osório, Carlos Eduardo Martins, Pierre Salama e Marcelo Carcanholo. Os autores em questão revisam teses e conceitos formulados por Marini, ocupando posição central a categoria de superexploração da força de trabalho, como fundamento da dependência das economias periféricas e principal categoria desenvolvida por Marini para explicar a particularidade histórica da América Latina no contexto global de reprodução do capital. Essa categoria é analisada em profundidade, o contexto sócio-histórico e político-ideológico no qual emerge é enfatizado, sua especificidade tanto em relação à perspectiva teórica desenvolvimentista da CEPAL como em relação à vertente capitalista da dependência (protagonizada por Fernando H. Cardoso) é demarcada, e sua atualidade desde o prisma da teoria marxista é amplamente discutida. Além disso, nesta parte do livro, alguns autores vão

se esforçar em refutar críticas remetidas à perspectiva teórica da dependência desenvolvida por Marini, como a existência de supervalorização dos fatores externos da dependência e a atribuição do chamado estagnacionismo à teoria.

No seu texto, Carcanholo discute os limites da teoria do subdesenvolvimento quando dissociada da perspectiva da dependência. Destaca:

O que esse tipo de perspectiva [de subdesenvolvimento] não consegue captar é que desenvolvimento e subdesenvolvimento são fenômenos qualitativamente diferenciados e ligados tanto pelo antagonismo como pela complementariedade, ou seja, que, embora sejam situações antagônicas, os dois fenômenos pertencem à mesma lógica/dinâmica de acumulação de capital em escala mundial (p. 252).

Sendo assim,

[] todas as características de uma economia periférica () possuem um caráter estrutural, determinado pela própria condição de dependência, não passíveis de superação/solução pelo mero manejo 'adequado' do instrumental de política econômica (p. 252).

Em suma: o conceito de dependência "implica uma situação em que uma economia está condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra a que está subordinada" (p. 253).

Jaime Osório se propõe a uma revisão da categoria de superexploração do trabalho. De acordo com este autor, superexploração do trabalho pretende "*dar conta do aspecto central da reprodução do capital dependente*, isto é, no seio de formações econômico-sociais específicas, geradas pelo funcionamento do capitalismo como sistema mundo" (p. 171). Com este conceito se "explica a forma como o capitalismo se reproduz nas economias dependentes, no marco do desenvolvimento desse sistema" (p. 172). Consiste no mecanismo desenvolvido nas economias dos países periféricos para compensar as perdas dos capitalistas desses países nas relações econômicas internacionais.

E, finalmente, a última parte - intitulada "Pensamento latino-americano e mundo contemporâneo" - reúne textos de Marcos Gandásegui

Filho, Luis Fernando Costilla, Oswaldo Muntael, Francisco Lopez Segrera e Cristóbal Kay. No conjunto dos textos é possível verificar um rico levantamento de questões e temas centrais no desenvolvimento do pensamento crítico latino-americano, bem como uma discussão sobre o contexto sócio-histórico no qual emergem essas questões; um mapeamento e discussão das contribuições fundamentais da perspectiva da dependência para as ciências sociais latino-americanas; uma preocupação em demarcar a importância e a trajetória do pensamento de Marini no curso da história recente dos países latino-americanos; e uma rica discussão sobre a atualidade do pensamento de Marini no estudo dos efeitos da globalização neoliberal no sistema capitalista mundial e, mais especificamente, na conformação do capitalismo dependente periférico, bem como na emergência de lutas sociais que apontem alternativas antissistêmicas. É nesse sentido que Costilla busca percorrer a obra de Marini em diferentes momentos, inclusive já no fim da vida, quando Marini ...

[...] estudou o sentido e o caráter da nova orueta emergente na América Latina e das lutas sociais e políticas dos trabalhadores, na busca de afirmar e ampliar a sua participação nas novas democracias renovadas e continuar resistindo no embate contra o neoliberalismo (p. 311).

A atualidade das contribuições de Marini é discutida sob diversos ângulos que terminam por afirmar a necessidade de uma retomada crítica do enfoque da dependência (exceção parece ser o texto de Segrera, por apostar, em última análise, numa retomada do receituário cepalino) e, conseqüentemente, de reatualização da categoria de superexploração da força de trabalho e de outras, como subimperialismo, num esforço que propiciaria condições para um entendimento dos problemas fundamentais e das possibilidades de transformação profunda das realidades latino-americanas, bem como da emergência de forças sociais e políticas que assumam um caráter antissistêmico. De acordo com Sader, desde a perspectiva de Marini:

[...] a retomada dos processos de desenvolvimento sob direção do neoliberalismo agudizaria os processos de superexploração, exclusão interna e periferização, levando à emergência de novos atores sociais e ao

ressurgimento de antigos que relançariam de maneira renovada a problemática socialista (p. 12).

As contribuições de Marini e dos autores dos textos que compõem a obra lançada em sua homenagem interpelam cientistas sociais a fim de que encarem problemas que permanecem prementes e desafiantes ao pensamento crítico e plural latino-americano e às práticas transformadoras de atores sociais descontentes com a posição que lhes tem sido reservada nas estruturas de poder do sistema capitalista mundial, num contexto de crise de legitimidade do neoliberalismo e emergência - com maior ou menor vigor, a depender do país latino-americano - de um renovado protagonismo de movimentos sociais com forte capacidade de interpelação ao Estado, de ampla capacidade convocatória de maiorias marginalizadas, potencializando a abertura de espaços políticos de formulação de novas perspectivas democráticas e emancipatórias.

Retomar e revisar criticamente as contribuições fundamentais de Marini, bem como temas e contribuições do pensamento crítico latino-americano dos anos de 1960-1970, torna-se relevante num esforço de atender aos desafios colocados pela dinâmica sócio-política e cultural que se tem vivido no continente, na primeira década do século XXI. Como afirma Cecefia: é no "esforço coletivo de construção de visões de mundo emancipatórias que o pensamento de Marini deve ser colocado" (p. 43).